

CAPÍTULO 2

LGBTI+

“Sopa de letrinhas” para quem?

DIEGO FÉLIX MIGUEL

DOI: doi.org/10.24328/2021/92908.00/02

*A linguagem está ligada não mais ao conhecimento das coisas, mas
à liberdade dos homens.*

MICHEL FOUCAULT

A linguagem é viva, pulsante e se renova conforme as demandas sociais e culturais de uma sociedade. Muito além de nomear as pessoas e as coisas, a linguagem se relaciona diretamente com a história, com os contextos socioculturais, exercendo um papel importante para a ressignificação e a representatividade.

Os estudos de gênero e sexualidade são recentes, e resistem a um constructo sociocultural enrijecido por ideias moralistas e religiosas, que tentam desqualificar e relativizar questões que estão muito além dos aspectos biológicos e que dialogam diretamente às relações de poder da sociedade.

Nesse sentido, é importante permitir-se à compreensão das terminologias em sua diversidade, tanto na constituição das expressões e identidades de gênero, quanto nas diferentes vivências e expressões da sexualidade que, muito mais que a rótulos sociais, estão relacionadas à representatividade e visibilidade, aspectos relevantes para a liberdade e o processo de autonomia das pessoas à medida que envelhecem.

Este é o objetivo deste capítulo, apresentar as terminologias e os conceitos sobre sexualidade e gênero que compõem o termo LGBTI+ que representam pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgênero, Intersexuais e *mais* todas as outras possibilidades de expressão, relação e vivência sexual e afetiva, que não pode ser reduzida à uma mera problematização de “sopa de letrinhas”.

Vale enfatizar que há outras possibilidades de vivenciar a sexualidade e a identidade de gênero, que vão muito além das terminologias que apresentaremos, pois de acordo com as experiências pessoais, os contextos e a cultura, percebemos que essas construções não se esgotam e não se limitam a uma ideia binária.

SEXO BIOLÓGICO, SEXUALIDADE E GÊNERO

“(...) somos diferentes a cada encontro, a cada instante. E cada modificação que experimentamos é absolutamente inédita e singular. E como cada experiência é única, podemos considerar cada pensamento e cada modificação do nosso corpo como um traço singular que nos caracteriza durante o nosso percurso existencial” (FERREIRA, 2009, p.56).

Para o filósofo Spinoza (1632-1677), afeto é o que move a alma, seja por seus aspectos positivos ou negativos. São os sentimentos e sensações que vivenciamos, sejam bons ou ruins, e é o que nos transforma a cada instante por meio das relações que estabelecemos com o mundo. Esses traços compõem nossa identidade, constituindo quem somos e o que seremos, por isso estamos em constante transformação, modificados a cada encontro.

Na mesma complexidade de compreensão sobre o afeto, o sexo biológico, a sexualidade e a identidade de gênero são conceitos importantes a serem contextualizados, pois são recorrentemente associados de maneira equivocada, permeados por normas sociais, padrões e estereótipos estabelecidos socialmente.

O sexo biológico é designado no nascimento por meio do conjunto de órgãos que biologicamente determinam se o indivíduo é macho ou fêmea, corresponde então as diferenças genéticas, fisiológicas e anatômicas entre as genitálias: o pênis e a vagina. Porém, muito além do binarismo macho e fêmea, há outras composições e variações que podem ser encontradas nos genitais, cromossomos, gônadas ou hormônios, nesse caso, as pessoas intersexuais sofrem pressões sociais em busca de “adequação” e por vezes são submetidas a uma falsa necessidade de normalização e passabilidade (uma pessoa ser considerada membro de um grupo ou categoria identitária diferente da que identifica) por uma demanda meramente sociocultural.

A sexualidade¹ é um espectro amplo, relacionado às questões do autoconhecimento, dos desejos afetivos e eróticos. A orientação sexual integra o campo da sexualidade e está muito além do ato sexual propriamente dito. Está relacionada às características em outras pessoas que provocam a atração sexual ou afetiva e preenchendo nossos desejos e instintos.

A orientação sexual é definida por:

- ▶ Homossexuais: são pessoas sentem atração sexual, emocional ou afetiva por pessoas que se identificam pelo mesmo gênero: lésbicas, no caso de mulheres que se relacionam com outras mulheres e gays, no caso de homens que se relacionam com outros homens.
- ▶ Heterossexuais: são pessoas que sentem atração sexual, emocional ou afetiva por pessoas que se identificam pelo gênero oposto.
- ▶ Bissexuais: são pessoas que se relacionam sexual, emocional ou afetivamente com ambos os gêneros, partindo de uma perspectiva binária: homem e mulher.
- ▶ Assexuais: são pessoas que não sentem atração sexual ou não se relacionam sexualmente com outras pessoas, independente do gênero, o que não impede que a pessoa assexual se relacione afetivamente com outras pessoas, seja uma relação homossexual, heterossexual, bissexual ou qualquer outra expressão da orientação.
- ▶ Pansexuais: são pessoas que sentem atração sexual, emocional ou afetiva por pessoas de todos os gêneros, orientações ou condições biológicas.
- ▶ Arromânticos: são pessoas que não sentem ou sentem pouca atração romântica, independente do gênero ou orientação sexual.

¹ Veja o capítulo 17: “Sexualidade e identidade de gênero das pessoas idosas”.

Reforça-se a importância de não adotar termos com sufixo *ismo*, como por exemplo “homossexualismo” e “transexualismo”, que remetem à um período histórico em que a homossexualidade e a transexualidade eram relacionadas a anormalidade e a doença.

Da mesma forma, busca-se não usar a expressão “ideologia de gênero”, e sim identidade de gênero. O termo ideologia surgiu por correntes fundamentalistas que reduzem a complexidade dos estudos das construções socioculturais de identidade de gênero às questões biológicas, religiosas e moralistas.

O termo gênero é erroneamente associado ao sexo biológico e orientação sexual; trata-se de uma construção sociocultural, ou seja, instituído com base em normas sociais estabelecidas aos machos e fêmeas biológicas. Pode ainda ser definido como uma instituição jurídica, portanto de natureza social, política e cultural, que a sociedade estabelece em função do sexo genital. São, portanto, os papéis sociais designados a machos/homens e fêmeas/mulheres, o que se espera dessa relação no campo comportamental, afetivo e social. Ademais, além das categorias usuais homem/mulher e masculino/feminino, existe uma forte corrente teórica que defende a desconstrução desse binarismo, tornando possível outras possibilidades de construções identitárias.

A identidade de gênero envolve uma composição interna de diferentes fatores que integram a identidade da pessoa, de como ela se apresenta socialmente, portanto é subjetiva. Pode ser definida como a relação entre dois principais aspectos: identidade vertical e identidade horizontal. A identidade vertical refere-se aos atributos e valores que são transmitidos de pai para filho através das gerações, não somente por meio de cadeias de DNA, mas também das normas culturais compartilhadas. A identidade horizontal é compartilhada pelos desejos comuns, afinidades e identificações que são constituídas na relação com outras pessoas, culturas e sociedade e que pode ou não ser conivente com a identidade vertical.

A expressão de gênero é externa, é como as outras pessoas percebem o gênero por meio dos gestos, roupas, adereços e expressões, que podem ou não corresponder com a identidade de gênero constituída.

É importante ainda definir pessoas cisgêneras e pessoas transgêneras. Pessoas cisgêneras são aquelas que estão em conformidade com a identidade de gênero atribuída ao nascimento. Já as pessoas transgêneras não se identificam com o gênero atribuído ao nascimento, transgredindo e transicionando para o gênero com que se identificam.

Vale reforçar que a sexualidade e o gênero são questões permeadas por mitos e estereótipos, moldados pelas redes de poder presentes na sociedade, que são compostos e definidos pelas relações sociais, o que torna as formas de expressar os desejos e prazeres socialmente estabelecidas e codificadas.

Os aspectos culturais, entendidos também por costumes e crenças, são partes fundamentais na construção do corpo:

[...] nada há de exclusividade “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente (LOURO, 2017, p. 9).

Com isso, destaca-se que aspectos biopsicossociais moldados por questões culturais que atendem um padrão heteronormativo e cisnormativo influenciam na vivência das pessoas no que se refere ao seu corpo, sexualidade, identidade e expressão de gênero. Assim, o nosso corpo é uma formação e composição de afetos onde o sexo biológico, a orientação sexual e o gênero estão imersos em construções socioculturais que mediam nossas ações e reações diante das situações que vivenciamos cotidianamente.

REFERÊNCIAS

- CRENITTE, M. R. F.; MIGUEL, D. F. Linn da Quebrada e o envelhecimento LGBT. **Carta Capital**, 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/saudelgbt/linn-da-quebrada-e-o-envelhecimento-lgbt/>. Acesso em: 27 de mar. de 2021.
- FERREIRA, A. **Introdução à Filosofia de Spinoza**. 1. ed. São Paulo: Quêbra Nozes, 2009.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Edições 70, 2002.
- LANZ, L. **O corpo da roupa**. 2. ed. Curitiba: Movimento Transgente, 2017.
- LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. (org). **O corpo educado**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- SOLOMON, A. **Longe da árvore**: pais, filhos e a busca da identidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, 1056 p.

VEJA MAIS

- BIXA TRAVESTY** (documentário). Direção: Kiko Goifman e Claudia Priscilla (2018), 75 minutos.
- LAERTE-SE** (documentário). Direção: Lygia Barbosa da Silva e Eliane Brum. Produção: Netflix, 2017, 100 minutos.
- LIBERDADE DE GÊNERO** (documentário). Direção: João Jardim. Globo-play, 2016.

